

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

MARIANA GULANOWSKI ALVES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA MÉDICA
DE PEQUENOS ANIMAIS**

Curitibanos

2022

MARIANA GULANOWSKI ALVES

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA MÉDICA
DE PEQUENOS ANIMAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Medicina Veterinária do Campus de Curitibanos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marcy Lancia Pereira

Curitibanos

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

ALVES, MARIANA GULANOWSKI
RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA
MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS / MARIANA GULANOWSKI ALVES ;
orientadora, MARCY LANCIA PEREIRA, 2022.
62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus
Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária,
Curitibanos, 2022.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. ESTÁGIO CURRICULAR
OBRIGATÓRIO. 3. MEDICINA VETERINÁRIA. 4. CLÍNICA MÉDICA DE
PEQUENOS ANIMAIS. 5. HOSPITAL VETERINÁRIO. I. LANCIA
PEREIRA, MARCY. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Mariana Gulanowski Alves

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA MÉDICA DE
PEQUENOS ANIMAIS**

Este Relatório foi apresentado ao Curso de Graduação em Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Rurais e julgado aprovado em sua forma final para obtenção do Título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Curitiba, 16 de dezembro de 2022.

Prof. Dr. Malcon Andrei Martinez Pereira
Coordenador do Curso

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Marcy Lancia Pereira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Sandra Arenhart
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Alessandra Nelcir Del Berri
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esse trabalho à pessoa que tornou o sonho de ser médica veterinária possível, minha mãe, Maria Dionísia Gulanowski.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui, me guiando e dando força em tantos momentos. Obrigada aos meus pais e antepassados pela minha vida. Agradeço imensamente à minha mãe, Maria Dionísia Gulanowski, a pessoa mais importante e que eu mais amo no mundo. Você sempre foi mãe e pai e sei bem o quanto a jornada foi árdua, e o quanto você abdicou de si mesma para me dar o melhor. Ser médica veterinária só é possível porque você, mais uma vez, apoiou meus sonhos. Você é meu maior exemplo.

Sou muuuuuuito grata por ter as melhores amigas do mundo. Danielle Husmann, você é incrível em todos os âmbitos possíveis, é luz na minha vida, meu porto seguro, em quem eu confio cegamente e é essencial para mim em um nível que não consigo nem descrever em palavras. “Pacto de mindinho”. E Mariana Lazier Sarturi, as coisas desenrolaram tão rápido quando nos conhecemos que essa amizade não deve ser só dessa vida. Você é maravilhosa e sou muito grata pelo seu amor, cuidado e por todas as nossas histórias vividas nesses 11 anos. Vocês duas foram e são de suma importância para minha vida e para tudo que realizo!

Sou grata à toda minha família, mas em especial, às minhas primas Ana Luisa Gulanowski e Ediane Sawzuck, que são meu alicerce e foram conforto em tantos momentos e me proporcionaram alegria em tantos outros! Obrigada pelo apoio e incentivo.

Agradeço a todos os animais que passaram pela minha vida e que despertaram ou intensificaram o meu desejo de ser médica veterinária, vocês tornam o mundo e as pessoas melhores... e eu sou infinitamente grata por poder tornar melhor o mundo de vocês através dessa profissão que tanto amo. Em especial Lety e Hanny, que foram peças fundamentais na minha decisão de me tornar médica veterinária, mas principalmente por terem me dedicado tanto amor, companheirismo e por terem me proporcionado tanta felicidade, assim como proporcionam hoje o Django, Jorge e Raj.

Agradeço as inúmeras experiências e amizades maravilhosas de Curitiba, e que sou muito grata por ter tido o privilégio de vivenciar. Agradeço principalmente aos meus amigos Lorena, Maurício, Gabriela, João, Pauline, Manuela, Julia e Sinara por tantas histórias e momentos, e que tornaram tudo mais fácil e leve durante o período acadêmico e são amizades que quero ter para o resto da vida! Em especial, obrigada ao Maurício Mezaroba, que além de ser um dos meus melhores amigos e

parceiro de todas as horas, sempre foi uma inspiração e meu mentor durante toda a graduação, muito do que eu sei e da médica veterinária que me tornarei, aprendi com você!

Obrigada Leticia Post pela amizade, pelo companheirismo, pela força e incentivo, por tantos momentos vividos, conversas, histórias e por muitas vezes ser meu ponto de alegria em meio ao caos. Obrigada aos queridos amigos que também fizeram parte dessa jornada em Curitiba: Piccinin, Felipe, Hyago, Léo, Helena, Victória, Edna, e a tantos outros não citados, vocês foram essenciais e sou muito feliz por termos nos encontrado nessa vida!

Meu muito obrigada aos amigos da UFPR que me deram suporte na decisão de mudança de curso e me incentivaram a seguir meu sonho de ser veterinária. Vocês foram essenciais para chegar até aqui. Em especial, Letícia Pilker Schneider, que amo tanto e sinto saudades imensas.

Obrigada minha querida orientadora, profe Marcy Lancia Pereira, que sempre foi uma inspiração dentro da UFSC, como professora, médica veterinária e pessoa, você é um exemplo da profissional que quero me tornar. Obrigada também a todos os professores que participaram da minha formação pessoal e profissional durante toda a vida, do Colégio São José, UFPR e UFSC.

Agradeço a toda a equipe do Hospital Veterinário Santa Mônica, mas principalmente as estagiárias que tornaram tudo mais feliz e leve: Scarlet, Bianca e Jack. Obrigada aos veterinários que me agregaram muito conhecimento teórico e prático, principalmente Monica, Josiani, Ícaro e Samara. Obrigada principalmente a veterinária responsável pelo paciente do meu TCC, Ariane Decker, que além de me auxiliar com o caso, me ensinou muito durante o estágio e é uma profissional que gosto e admiro!

Obrigada também ao Hospital Veterinário Vet Plus, lugar que fui tão bem acolhida!!! A equipe toda é tão maravilhosa que se eu for citar todos que gostaria, daria uma página inteira. Foi um prazer estar esse mês aí com vocês, obrigada por todas as oportunidades concedidas e por todo o conhecimento que absorvi de cada um, já estou com saudades!

Enfim, obrigada a todos que fizeram parte da minha caminhada nesses 28 anos. Sou imensamente grata pois cada um de vocês que passou pela minha vida é parte do que sou hoje.

"Whatever your mind can conceive and believe, it can achieve."

Napoleon Hill

RESUMO

O último semestre do curso de medicina veterinária compreende o estágio curricular obrigatório que possui grande importância na formação acadêmica, proporcionando aos alunos a experiência prática como veterinários, a aplicação de conteúdo teórico absorvido durante todo o período de graduação e a convivência com veterinários e estagiários que proporcionam novos conhecimentos teóricos. A realização do estágio obrigatório também permite a vivência na área em que o acadêmico pretende seguir carreira como veterinário, nesse caso em clínica médica de pequenos animais. O estágio curricular obrigatório foi realizado em duas concedentes: no Hospital Veterinário Santa Mônica em Curitiba e Hospital Veterinário Vet Plus em Joinville, totalizando 460 horas. Esse relatório tem como objetivo descrever os hospitais, suas estruturas e atividades, bem como as atividades da estagiária durante o estágio curricular obrigatório, além de descrever a casuística dos atendimentos acompanhados.

Palavras-chave: Estágio Curricular, Clínica Médica de Pequenos Animais, Medicina Veterinária, Hospital Veterinário.

ABSTRACT

The last semester of the veterinary medicine course comprises the mandatory curricular internship, which is of great importance in academic training, providing students with practical experience as veterinarians, the application of theoretical content absorbed during the entire graduation period and living with veterinarians and interns who afford new theoretical knowledge. Completing the mandatory internship also allows for experience in the area in which the student intends to pursue a career as a veterinarian, in this case: small animal medical clinic. The mandatory curricular internship was carried out in two places: at Hospital Veterinário Santa Mônica in Curitiba and Hospital Veterinário Vet Plus in Joinville, totaling 460 hours. This report aims to describe the hospitals, their structures and activities, as well as the intern's activities during the mandatory curricular internship, in addition to describing the casuistry of the cases followed.

Keywords: Curriculum Internship, Small Animal Medical Clinic, Veterinary Medicine, Veterinary Hospital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário Santa Mônica.....	17
Figura 2 – Recepção do Hospital Veterinário Santa Mônica.....	18
Figura 3 – Sala de Espera para caninos (A) e felinos (B) do Hospital Veterinário Santa Mônica.	19
Figura 4 – Consultório para felinos do Hospital Veterinário Santa Mônica. .	20
Figura 5 – Consultórios para caninos do Hospital Veterinário Santa Mônica.	21
Figura 6 - Internamento para felinos (A) e caninos (B) do HVSM.	22
Figura 7 - Centro Cirúrgico do Hospital Veterinário Santa Mônica.....	23
Figura 8 - Sala de Radiografias do Hospital Veterinário Santa Mônica.	24
Figura 9 - Sala de Ultrassonografia do Hospital Veterinário Santa Mônica. .	24
Figura 10 - Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Veterinário Santa Mônica.....	25
Figura 11 - Câmara Hiperbárica do Hospital Veterinário Santa Mônica.....	25
Figura 12 – Sala de Fisioterapia do Hospital Veterinário Santa Mônica.	26
Figura 13 - Sala de Emergências do Hospital Veterinário Santa Mônica.....	27
Figura 14 – Fachada do Hospital Veterinário Vet Plus.	29
Figura 15 - Recepção do Hospital Veterinário Vet Plus.....	30
Figura 16 – Sala de Emergência do Hospital Veterinário Vet Plus.	31
Figura 17 - Sala de vacinas do Hospital Veterinário Vet Plus.....	32
Figura 18 – Máquina de Tomografia do Hospital Veterinário Vet Plus.....	32
Figura 19 – Consultório do Hospital Veterinário Vet Plus.	33
Figura 20 – Internamento canino do Hospital Veterinário Vet Plus.....	34
Figura 21 – Sala de cirurgia do Hospital Veterinário Vet Plus.	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Casuística por espécie e sexo dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.....	38
Tabela 2 - Casuística de caninos separados por raça dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.....	39
Tabela 3 - Casuística de felinos separados por raça dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.....	40
Tabela 4 - Casuística de caninos e felinos separados por faixa etária dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.	40
Tabela 5 – Casuística de afecções separadas por sistema/especialidade acompanhadas durante o estágio curricular.....	41
Tabela 6 - Casuística de afecções do sistema digestório acompanhadas durante o estágio curricular.	42
Tabela 7 - Casuística de afecções do sistema urinário acompanhadas durante o estágio curricular.	44
Tabela 8 - Casuística de afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas durante o estágio curricular.....	45
Tabela 9 - Casuística de afecções oncológicas acompanhadas durante o estágio curricular.	46
Tabela 10 - Casuística de afecções do sistema nervoso acompanhadas durante o estágio curricular.	47
Tabela 11 - Casuística de afecções do sistema endócrino acompanhadas durante o estágio curricular.	48
Tabela 12 - Casuística de afecções do sistema tegumentar acompanhadas durante o estágio curricular.	50
Tabela 13 - Casuística de afecções do sistema cardiorrespiratório acompanhadas durante o estágio curricular.....	52
Tabela 14 - Casuística de outras afecções acompanhadas durante o estágio curricular.....	53
Tabela 15 - Casuística de afecções do sistema reprodutor acompanhadas durante o estágio curricular.	54

Tabela 16 - Casuística de afecções infecciosas e parasitárias acompanhadas durante o estágio curricular.....	55
Tabela 17 - Casuística de afecções oftalmológicas acompanhadas durante o estágio curricular.....	56
Tabela 18 - Casuística de intoxicações acompanhadas durante o estágio curricular.....	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACTH	Hormônio adrenocorticotrófico
AHIM	Anemia hemolítica imunomediada
BID	Duas vezes ao dia
DDIV	Doença do disco intervertebral
DRC	Doença renal crônica
DU	Dose única
FeLV	Vírus da leucemia felina
FIV	Vírus da imunodeficiência felina
HAC	Hiperadrenocorticismo
HT	Hematócrito
HVSM	Hospital Veterinário Santa Mônica
HVVP	Hospital Veterinário Vet Plus
IC	Insuficiência cardíaca
IV	Intravenoso
OSH	Ovariosalpingohisterectomia
SBAR	Situação, Breve Histórico, Avaliação e Recomendação
SBDD	Teste de supressão com baixa dose de dexametasona
SC	Subcutâneo
SDMA	Dimetilarginina simétrica
SID	Uma vez ao dia
SRD	Sem raça definida
RCP	Ressuscitação cardiopulmonar
PAS	Pressão arterial sistólica
T4	Tiroxina
US	Ultrassom
VO	Via oral

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	CONCEDENTES	17
2.2	HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA MÔNICA - CURITIBA – PR	17
2.2.1.	Descrição do local	18
2.2.2.	Atividades desenvolvidas	27
2.3	HOSPITAL VETERINÁRIO VET PLUS – JOINVILLE – SC	28
2.3.1.	Descrição do local	30
2.3.2.	Atividades desenvolvidas	33
3	CASUÍSTICA E DISCUSSÃO	38
4	CONCLUSÃO	58
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

A última fase do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina compreende o estágio curricular obrigatório, sendo necessário cumprir nesse último semestre 450 horas como estagiário em Clínicas, Hospitais ou nas outras diversas áreas existentes na veterinária, sendo a área a decidida pelo acadêmico conforme interesse. O estágio é o momento em que é possível acompanhar, observar e colocar em prática os inúmeros conteúdos teóricos e práticos repassados pelos professores durante a graduação, além de proporcionar novos aprendizados e métodos, e é realizado sob a supervisão de médicos veterinários que ao fim do período avaliam o estagiário.

O presente relatório descreve o estágio curricular obrigatório que foi realizado na área de clínica médica de pequenos animais em duas concedentes. O Hospital Veterinário Santa Mônica em Curitiba, Paraná foi o primeiro local de estágio, supervisionado pela Samara Caroline Urhlig, totalizando 300 horas de 10 de agosto a 20 de outubro de 2022. A segunda concedente foi o Hospital Veterinário Vet Plus em Joinville, Santa Catarina, sob a supervisão do médico veterinário Fábio Magalhães, no qual foram realizadas 160 horas de estágio do período de 01 de novembro a 30 de novembro de 2022.

Durante o período de estágio curricular a estagiária pode acompanhar consultas e procedimentos cirúrgicos, auxiliar em cirurgias, realizar e auxiliar em procedimentos ambulatoriais e exames de imagem e fazer o manejo de pacientes do internamento.

O objetivo desse relatório portanto é descrever sobre funcionamento e estrutura das concedentes, relatar atividades da estagiária nos locais de estágio e discutir sobre a casuística acompanhada durante o estágio curricular obrigatório em medicina veterinária.

2 CONCEDENTES

2.2 HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA MÔNICA - CURITIBA – PR

A história do hospital se inicia em 1991, quando os médicos veterinários Roberto e Monica Lange, fundam a Clínica Veterinária Santa Mônica. Com um atendimento veterinário de referência na cidade para pequenos animais, a partir de 2008 a clínica torna-se o Hospital Veterinário Santa Mônica (HVSM) (Figura 1), dispondo de ainda mais tecnologia e recursos para os atendimentos.

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

O HVSM está situado na Rua Brigadeiro Franco, nº 4029, no bairro Rebouças em Curitiba – PR, com horário comercial das 7 às 21h, mas funcionando 24 horas todos os dias da semana, com médicos veterinários plantonistas e estagiários disponíveis no hospital para atendimento e monitoração dos pacientes internados e consultas emergenciais.

Além dos médicos veterinários clínicos gerais, o hospital conta com diversos especialistas das áreas de cardiologia, dermatologia, endocrinologia, fisioterapia, medicina felina, nefrologia, neurologia, oftalmologia, oncologia, ortopedia e pneumologia. O hospital também possui cirurgiões geral e ortopédico, anestesiólogos e auxiliar veterinário do centro cirúrgico. Há também os setores de

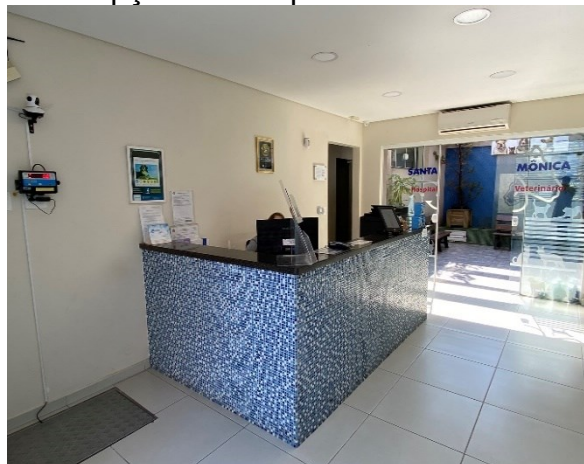
diagnóstico por imagem, com realização de ultrassonografias, radiografias, ecocardiogramas e eletrocardiogramas e o de patologia clínica, proporcionando rapidez na obtenção de diagnóstico para um tratamento assertivo.

O sistema utilizado no hospital para registro dos pacientes é o DoctorVet. No sistema é descrito anamnese, exame físico, receituário, prontuários, orçamentos, solicitação e visualização de exames. A equipe é composta por recepcionistas, auxiliares de serviços gerais, auxiliar de manutenção, veterinários, diretores administrativos, estagiários extracurriculares, auxiliar veterinário e estagiários curriculares.

2.2.1. Descrição do local

A recepção (Figura 2) é o primeiro local ao adentrar o HVSM, e, com exceção dos plantões, sempre há duas recepcionistas. Essas são responsáveis pelos atendimentos telefônicos e presenciais, marcações de consultas, realização de cadastros dos pacientes e seus tutores, anúncios em autofalante para chamar o médico veterinário para consulta ou a equipe para atender possíveis emergências, além de outros anúncios pertinentes. Ali também há uma balança onde os pacientes eram pesados previamente à consulta para registro no sistema. Localizado à frente da recepção, há o petshop e farmácia veterinária.

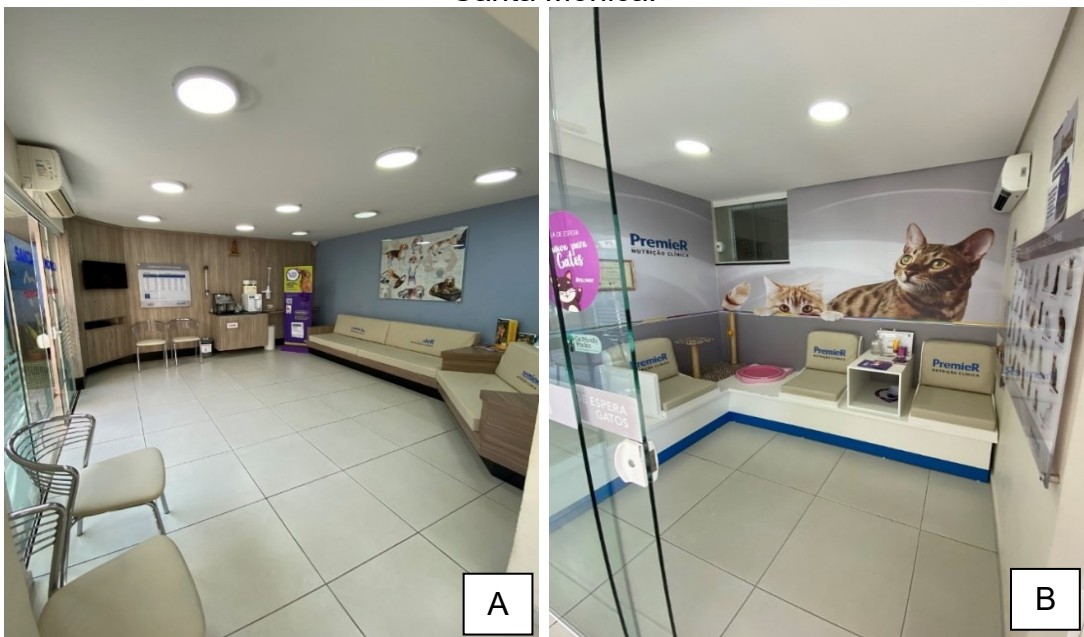
Figura 2 – Recepção do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

A sala de espera para caninos (Figura 3A) possui itens para proporcionar conforto enquanto tutores e pacientes aguardam as consultas ou esperam seus animais voltarem de procedimentos, como: duas televisões, ar-condicionado, máquina para café e água, sofás e cadeiras. O HVSM possui certificação ouro *Cat Friendly* pela *International Cat Care*, assim sendo, possui uma sala de espera diferente para os felinos (Figura 3B). Essa sala de espera é composta por tocas, brinquedos, difusor de feromônio Feliway®, fonte de água, arranhadores; além de sofás e ar-condicionado.

Figura 3 – Sala de Espera para caninos (A) e felinos (B) do Hospital Veterinário Santa Mônica.

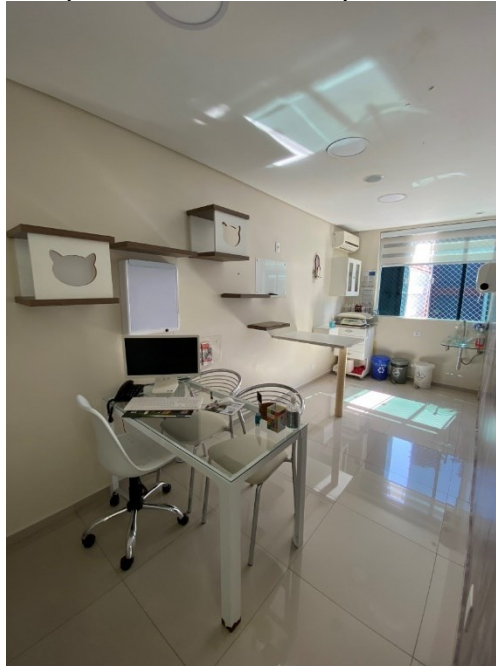


Fonte: A própria autora, 2022.

Após o cadastro, o veterinário era então solicitado através do autofalante, esse buscava o tutor e paciente na recepção, conduzindo-os ao consultório. O hospital contava com 5 consultórios, sendo o primeiro destinado exclusivamente a felinos. Assim como a sala de espera, o consultório para felinos (Figura 4) também possui enriquecimento ambiental, com nichos, prateleiras e degraus, além de brinquedos e difusor de feromônio Feliway®. A janela possui tela para proporcionar segurança e deixar os felinos livres pelo consultório durante o atendimento. A bancada para manejo do felino para exames é feita de madeira, e o suporte desta é também um arranhador. Conta também com mesa, computador, cadeiras, pia, balança, ar-condicionado e alguns medicamentos destinados à felinos, como vermífugos e antipulgas que eram

administrados em algumas consultas. Para realização de procedimentos, como por exemplo, coletas de sangue e realização de acesso venoso, há um armário contendo seringas, agulhas e cateteres de diversos tamanhos, além de gazes, esparadrapos, algodão, iodo, clorexidina, álcool e água oxigenada.

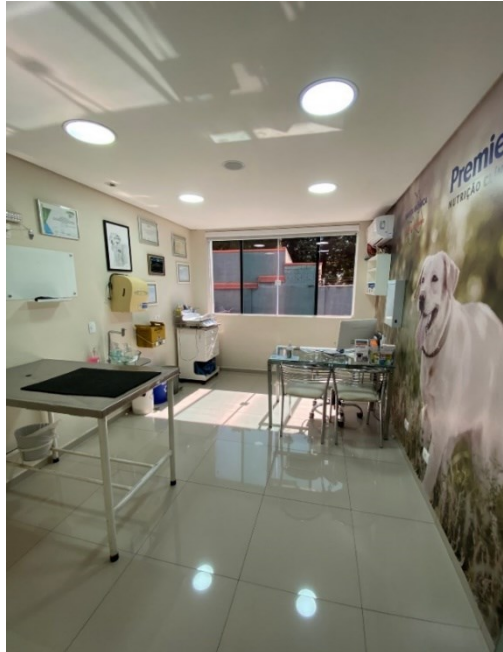
Figura 4 – Consultório para felinos do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

Existem 4 consultórios para caninos (Figura 5), e neles ocorrem consultas de clínicos gerais e especialistas. Todos os consultórios possuem os mesmos itens, mudando apenas a decoração do ambiente. As salas contêm mesa, cadeiras e computador, janela, ar-condicionado, pia com sabonete antisséptico e papel toalha. Para avaliação do paciente, há uma bancada de inox com um tapete antiderrapante para maior conforto do animal. Dispõem de álcool, iodo, clorexidina, água oxigenada, gazes, esparadrapos, algodão e ataduras. Todos os consultórios são equipados com itens para procedimento, como seringas, agulhas e cateteres de tamanhos variados, além de luvas e tubos de coleta para exames. Nesses ocorrem consultas das seguintes especialidades: dermatologia, endocrinologia, nefrologia, neurologia, pneumologia, oftalmologia, oncologia e ortopedia, além dos clínicos veterinários gerais.

Figura 5 – Consultórios para caninos do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

Se o veterinário responsável julgar necessário, o animal é então conduzido à internação, após autorização prévia e assinatura do termo pelo tutor. O hospital dispõe de 4 internamentos sendo um para caninos, um para felinos e dois para doenças infectocontagiosas. O internamento para felinos (Figura 6A) possui 6 baias que possuem prateleiras e comunicação entre si, e podem permanecer fechadas quando há maior número de pacientes, ou abertas para aumentar o espaço de locomoção do felino. Cada baia possui luz interna para manejo dos animais ali dentro, diminuindo o estresse de manipulação. A sala tem todos os itens para procedimentos, como seringas, agulhas, cateteres, equipos e sondas; tapetes higiênicos, caixas de areia, potes para alimentação, ração, sachês e areia. Possui uma bancada de madeira para manipulação do paciente, gazes, esparadrapos, algodão, gel; itens para antissepsia como iodo, clorexidina, álcool, água oxigenada e pia. Para maior conforto sensorial dos pacientes, o internamento possui ar-condicionado, que auxilia muito em pacientes hipotérmicos, lâmpadas de luminosidade regulável e difusores de feromônios Feliway®.

O internamento para caninos (Figura 6B) é amplo, com 2 bancadas para manipulação, 3 leitos, 7 baias de alvenaria e 12 de metal. Contém 2 computadores, televisão para monitoração das câmeras (principalmente a do internamento de

felinos), pastas dos pacientes contendo toda a documentação, registros de monitoração de parâmetros (feitas várias vezes ao longo do dia) e de medicações, exames impressos e a ficha de comunicação entre plantões sobre o paciente (SBAR). Neste estão todas as medicações, separadas em armários por injetáveis, tópicas e orais, além de uma geladeira que contém as vacinas e medicações que necessitam de refrigeração. Há outra geladeira, que contém alimentação úmidas dos pacientes, e micro-ondas, para esquentar a alimentação que estava refrigerada ou para esquentar água para bolsas térmicas e soluções de fluidoterapia. A sala está equipada com várias bombas de infusão, equipos, cateteres, e soluções de fluidoterapia. Possui ar-condicionado para climatização, mas também há aquecedores portáteis para pacientes hipotérmicos e ventiladores para hipertérmicos. Para pacientes mais críticos, há o tratamento semi-intensivo, onde o animal é monitorado constantemente pela equipe, através de eletrodos e exame físico, recebe oxigenação e fluidoterapia, além de outros cuidados que se façam necessários para cada caso.

Figura 6 - Internamento para felinos (A) e caninos (B) do HVSM.



Fonte: A própria autora, 2022.

O hospital conta também com centro cirúrgico (Figura 7) e local para higienização e paramentação da equipe, conta com veterinários especializados em cirurgia geral e ortopédica, anestesistas e um auxiliar veterinário. Possui mesa de metal com tapete térmico para o paciente, materiais para antissepsia e materiais

cirúrgicos esterilizados, anestesista monitorando os parâmetros durante toda a operação e cilindros de oxigênio, além de outros materiais que possam ser convenientes para cada tipo de cirurgia.

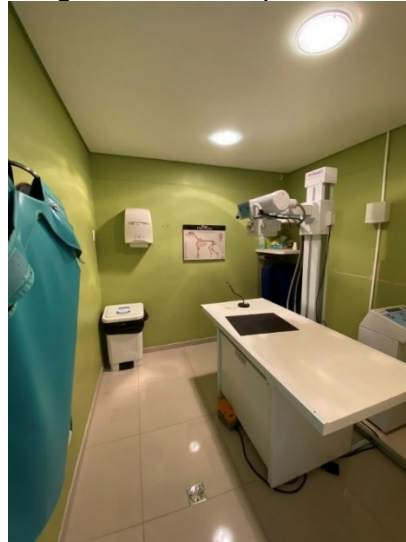
Figura 7 - Centro Cirúrgico do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

O HVSM possui um setor de diagnóstico por imagem, com veterinários especializados para cada procedimento. A sala de radiografias (Figura 8) contém paredes de chumbo, aventais e protetores de tireoide, calhas para posicionamento do paciente, luz regulável, mesa e máquina de radiografia.

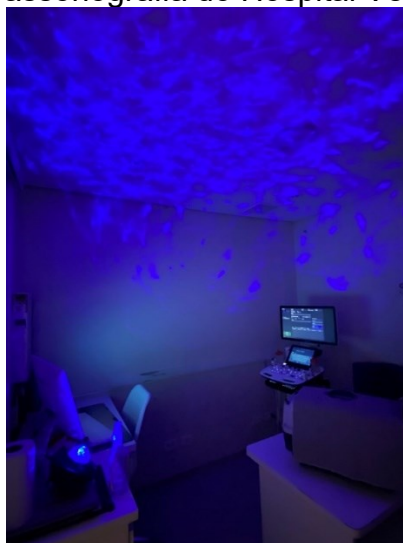
Figura 8 - Sala de Radiografias do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

Na sala de ultrassonografia (Figura 9), há luzes coloridas para realização de cromoterapia, sendo frequentemente utilizada a cor azul, esta que costuma promover o relaxamento dos pacientes; possui mesas, cadeiras, computador para registro e realização de laudos, calhas para posicionar pacientes e a máquina de ultrassonografia. Ao lado da sala de ultrassom há a sala da cardiologia, onde são feitos eletrocardiogramas e ecocardiogramas, além de avaliação da veterinária especialista.

Figura 9 - Sala de Ultrassonografia do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

Os exames laboratoriais eram realizados no próprio hospital, que dispõe de patologista clínica e um laboratório (Figura 10) contendo máquinas para hemograma, exames bioquímicos, centrífugas, materiais para urinálise, microscópios, geladeira, pia e computadores.

Figura 10 - Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

O HVSM também possui a câmara hiperbárica (Figura 11). Trata-se de uma câmara que é fechada de forma hermética, onde o paciente recebe oxigênio a 100% em sessões de 1 hora, o que resulta em melhora na regeneração tecidual. As sessões eram sempre acompanhadas por estagiários para supervisão do paciente.

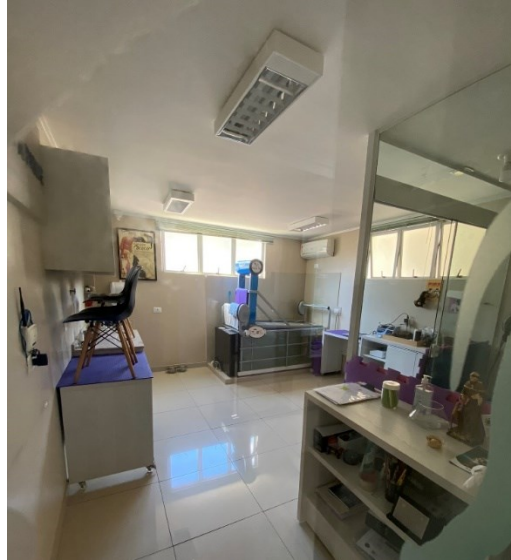
Figura 11 - Câmara Hiperbárica do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

O hospital possui também fisioterapeutas veterinários e uma sala própria (Figura 12) para as atividades, contendo bolas, esteira subaquática, elásticos e outros equipamentos utilizados durante sessões de fisioterapia.

Figura 12 – Sala de Fisioterapia do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

As emergências são anunciadas no autofalante e toda a equipe disponível se dirige à sala de emergência (Figura 13), que é equipada com cilindros de oxigênio, itens para intubação traqueal, desfibriladores, sondas e aspiradores. Possui também kits prontos para situações específicas, como para torção gástrica, traumas, choque, intoxicação, entre outros. Possui os mesmos itens para procedimentos do internamento, tudo devidamente identificado para fácil visualização e acesso, além de ter sempre uma solução de fluidoterapia, equipo e esparadrapos destacados, prontos para chegada de emergências.

Figura 13 - Sala de Emergências do Hospital Veterinário Santa Mônica.



Fonte: A própria autora, 2022.

O HVSM possui auditório, onde eram realizadas semanalmente palestras pelos veterinários do hospital de temas variados conforme as especialidades dos mesmo, e onde também ocorriam treinamentos semanais realizados por empresas parceiras, que explicavam sobre novos produtos, exames, medicamentos e etc.

2.2.2. Atividades desenvolvidas

No Hospital Veterinário Santa Mônica, que foi a primeira concedente do estágio curricular, a carga horária semanal era de 30 horas, sendo 5 horas por dia de segunda a sexta, podendo ser no período da manhã ou da tarde, conforme escala realizada pelo diretor de estágios do HVSM além da realização de plantões noturnos e durante finais de semana e feriados, também definidos sob escala. O local de atuação da estagiária era definido também através de escala, podendo ser no internamento, consultórios, diagnóstico por imagem, cardiologia, laboratório, fisioterapia e centro cirúrgico.

Quando atuando no internamento, a estagiária realizava atividades como preparo e administrações de medicamentos aos pacientes, com medicação e frequência definidas pelo veterinário responsável e registradas na ficha do paciente. Realizava também exame físico dos animais e registrava os parâmetros na ficha, como frequências cardíaca e respiratória, temperatura, pressão arterial, hidratação, estado do paciente, glicemia, verificação de viabilidade dos acessos venosos entre

outros, além de comunicar outras alterações ao veterinário do internamento, e higienização do paciente quando necessário. Em pacientes sondados a estagiária fazia o manejo da sonda, tanto nasogástrica quanto uretral. Além disso, realizava o preparo das baias e fazia o fornecimento de alimentação aos animais, alimento que também era definido pelo veterinário quanto à frequência, se úmido, seco, rações especiais ou se deveriam ficar em jejum para exames ou procedimentos cirúrgicos. Também realizava a contenção dos pacientes para exames físicos e coletas.

Nos consultórios a estagiária acompanhava as consultas e fazia a contenção dos pacientes e realização de exames físicos, além de preparo de vacinas e medicações aplicadas em consultório, além de ficar à disposição para ajudar o veterinário no procedimento que fosse necessário.

A função da estagiária nos setores de diagnóstico por imagem (radiografia, ultrassonografia e eco/eletrocardiograma) era contenção e posicionamento do paciente para o exame, e condução do mesmo de volta para o internamento ou para entrega ao tutor.

No laboratório a estagiária teve a oportunidade de confeccionar lâminas, centrifugar amostras, realizar exames bioquímicos e hemogramas nas máquinas automáticas e análise microscópica dos esfregaços sanguíneos, realização de citologias e de urinálises, além de aprender sobre rotina e procedimentos laboratoriais.

Quando escalada no centro cirúrgico, tinha a função de preparar a mesa de instrumentos e auxiliar nas cirurgias, além de cuidar dos pacientes no pós-operatório imediato.

Nesse período também foi permitido à estagiária em algumas ocasiões a realização de coletas de sangue, canulação para acesso venoso, intubação e oxigenação mecânica de pacientes emergenciais, acompanhamento em sessões de quimioterapia e na câmara hiperbárica, além de realização de diálise peritoneal.

2.3 HOSPITAL VETERINÁRIO VET PLUS – JOINVILLE – SC

O Hospital Veterinário Vet Plus (HVVP) foi fundado no ano de 2008 pelos médicos veterinários Gilian Guelmann e Fábio Magalhães, e é um hospital veterinário de referência na região, com foco no atendimento de cães e gatos. Está localizado na

Rua Anita Garibaldi, 924, no bairro Anita Garibaldi em Joinville, estado de Santa Catarina, e funciona 24 horas todos os dias da semana.

O prédio do HVVP (Figura 14) conta com três andares, no primeiro está a recepção e o petshop, salas de exames de imagens, consultórios para vacinas e a sala de emergência. Na parte de trás do terreno do hospital também há outra estrutura onde se encontra o refeitório, lavanderias, estoque e internamento de doenças infectocontagiosas. No segundo andar estão localizados os consultórios para caninos e felinos, auditório e internamento de cães e gatos. Já no terceiro andar está a sala da administração, laboratório clínico e centro cirúrgico, com 3 salas para cirurgias e 1 sala para assepsia e paramentação pré-operatória.

Figura 14 – Fachada do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: A própria autora, 2022.

O HVVP possui em sua equipe de médicos veterinários: clínicos gerais, nefrologista, ortopedista, patologista clínico e imaginologista; além de especialistas que atuam como volantes como oncologista, dermatologista e cardiologista. Formando a equipe do hospital, há também os estagiários remunerados, extracurriculares e curriculares, duas recepcionistas em cada turno, enfermeiras,

auxiliares de limpeza, responsáveis pelo estoque e abastecimento e setor administrativo.

Para os exames de imagem, o hospital possui máquina de raio-x, de ultrassonografia e de tomografia, o que promove facilidade na obtenção do diagnóstico. No laboratório de patologia clínica há várias máquinas para realização de exames, microscópio e testes rápidos. O sistema utilizado para registro de todos os dados do paciente, da consulta, internamento e cirurgias é o DoctorVet.

2.3.1. Descrição do local

Na recepção do hospital (Figura 15) estão as recepcionistas, essas são responsáveis pelo cadastro de tutores e pacientes, vendas do pet-shop e farmácia, cobrança e pesagem dos animais para registro no sistema. Além disso anunciam no alto-falante emergências, chamam os veterinários para consultas ou exames, anunciam enfermagem para busca ou entrega de pacientes entre outros anúncios que se façam pertinentes. Todas as portas de acesso possuem senhas para acesso apenas de pessoal autorizado, portanto em consultas o veterinário ia até a recepção para conduzir paciente e tutor até os consultórios que ficam no segundo andar, utilizando o elevador ou as escadas conforme preferência.

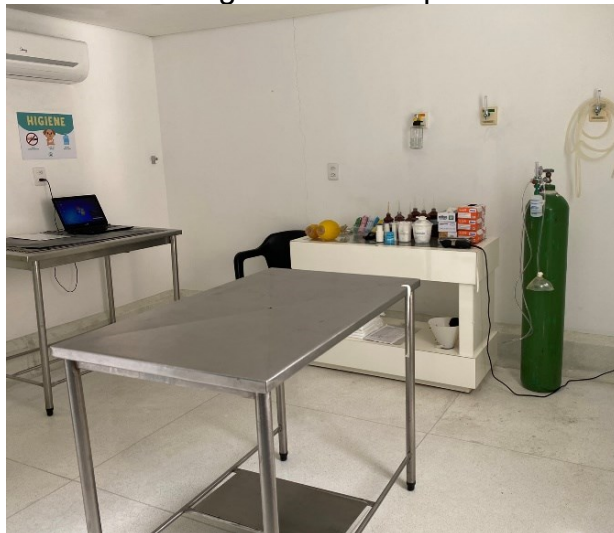
Figura 15 - Recepção do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: A própria autora, 2022.

Em casos graves, é anunciado emergência ou, para casos moderados, é solicitado à enfermagem ou aos veterinários avaliação/triagem do paciente para definir se é de fato terapia emergencial. A sala de emergência (Figura 16) fica na primeira porta depois da recepção, para agilizar o atendimento do paciente. A sala contém mesa, solução de fluidoterapia sempre preparada, máquina de tricotomia, cateteres, esparadrapos, gazes, algodão, micropore, luvas. Também dispõe de pia, papel toalha, sabonete e de produtos para limpeza como água oxigenada, álcool, PVPI, clorexidine degermante e alcólico, benjoim. Contém também oxigênio, máscaras de oxigênio, laringoscópio, traqueotubos de todos os tamanhos. Além disso possui medicações que podem ser necessárias em emergências, como atropina, adrenalina, carvão ativado, prometazina, hidrocortisona, vitamina k, entre outras; também seringas e agulhas de tamanhos diversos.

Figura 16 – Sala de Emergência do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: A própria autora, 2022.

Do outro lado do corredor logo após a entrada, há a sala de vacinas (Figura 17), que contém computador, bancada, mesa, pia, sabonete, papel toalha, luvas, geladeira contendo as vacinas, produtos como álcool, pvpi, clorexidine, água oxigenada, algodão, gazes, esparadrapos.

Figura 17 - Sala de vacinas do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: A própria autora, 2022.

Ainda no primeiro andar, há o setor de diagnóstico por imagem. Na primeira sala há o equipamento de ultrassom e raio-x, bem como gel, álcool, seringas e agulhas, computadores, mesas e calhas para posicionamento do paciente, além de vestes de chumbo e protetores de tireoide. Todos os veterinários do hospital possuem um “crachá” que mede o nível de radiação recebido diariamente. Na segunda sala do setor de imagem há a máquina de tomografia (Figura 18).

Figura 18 – Máquina de Tomografia do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: Hospital Veterinário Vet Plus, 2022.

Na área externa do hospital estão os internamentos de infectocontagiosas, sendo um para parvovirose e outro para cinomose, possuindo 12 e 4 baias em cada respectivamente. Ambas as salas são completamente equipadas com todos os itens que o internamento normal possui, que serão descritos a seguir. Também nessa área externa está o refeitório, lavanderia normal e lavanderia de contaminados e a sala de estoque, onde há um funcionário responsável pelo controle e reabastecimento de itens de todo o hospital.

Para acesso aos andares superiores há o elevador e escadas. Todos os andares possuem banheiros femininos e masculinos. Também existem macas com rodas para transporte do paciente em todos os andares.

No segundo andar estão os consultórios (Figura 19), sendo 3 destinados aos caninos e 1 destinado aos felinos, todos possuem bancada de mármore para exame do paciente, pia, papel toalha, sabonetes, álcool, amônia quaternária, álcool, algodão e gaze. Há cadeiras e mesas com computadores para os veterinários efetuarem o registro no sistema da anamnese, exame físico do paciente, realização de orçamentos e receituários, tudo feito no sistema DoctorVet.

Figura 19 – Consultório do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: A própria autora, 2022.

O internamento principal também possui porta com senha de acesso. Dentro dele há 4 cômodos: um que contém cama, mesa, cadeira e banheiro, uma sala de

depósito, uma cozinha e o internamento destinado aos felinos. O internamento para cães (Figura 20) contém 38 baias de tamanhos variados e 1 berço para pacientes mais críticos, já o de gatos possui 10 baias, que podem ficar maiores conforme número de pacientes internados. No internamento há 3 bancadas de inox, sendo uma com bacia, grade e torneira aquecida para higienização dos pacientes, com um armário embaixo que contém *shampoo*, condicionador, perfume e adereços para enfeite dos pacientes para alta; nas outras duas são realizados procedimentos, como coletas de sangue, canulação de pacientes, limpeza de feridas, realizações de curativos entre outros procedimentos.

Figura 20 – Internamento canino do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: A própria autora, 2022.

No internamento há um armário contendo todas as medicações separadas em cestinhas por ordem alfabética para fácil acesso, seringas e agulhas variadas, *scalps*, sondas nasogástricas e uretrais; ataduras, algodão ortopédico, algodão hidrofílico, gazes e tubos para coleta de sangue. Há outro armário contendo as bombas de infusão, equipos macro e micro, extensores, torneiras de três vias e oclusores. Possui álcool, água oxigenada, PVPI, benjoim, clorexidine, algodão, gazes, esparadrapos, micropore, ringer e solução fisiológica. Possui toalhas, cobertores, tapetes higiênicos, focinheiras, colares elizabetanos e guias. No internamento eram realizadas aferições de parâmetros dos pacientes, 4 vezes ao dia, e era verificado: pressão arterial, glicemia, temperatura, frequência cardíaca e respiratória, mucosas, TPC e nível de

desidratação, que eram anotados na ficha diária do paciente, além de outra ficha com anotações sobre alimentação, perdas, comportamento, entre outras informações de interesse sobre o paciente.

A cozinha possui todas as rações (normal, urinária, cardíaca, diabética entre outras), sachês, patês, alimentação de filhotes; geladeira para armazenagem de medicações e de alimentos úmidos; pia, potes e micro-ondas para aquecimento da alimentação e de luvas para aquecimento dos pacientes.

No terceiro andar está o laboratório, onde eram feitas hemogasometrias, bioquímicos, hemogramas, citologias e testes de compatibilidade para transfusão. Possui ali 2 salas destinadas ao setor administrativo.

O bloco cirúrgico é no último andar, onde são seguidos parâmetros rígidos de assepsia e era necessário a utilização de pijama cirúrgico, touca, máscara, avental e propé esterilizados para entrada no bloco. Ali existem 9 salas, sendo 3 destinadas à cirurgia, 1 para recuperação/preparo do paciente, 2 para armazenagem de materiais esterilizados, 1 para armazenar outros materiais, 1 para limpeza e desinfecção dos equipamentos, onde está a autoclave, e 1 para antissepsia, contendo pia, sabonete clorexidine, álcool, todos ativados por sensor. A sala de cirurgia 1 (Figura 20) era comumente utilizada para procedimentos ortopédicos, ela possui o arco cirúrgico, que fornece imagens radiográficas em tempo real, sendo de grande utilidade para ortopedia. Na sala de cirurgia número 2 são realizadas cirurgias gerais, e possui em seu interior uma incubadora para neonatos. A sala de cirurgia número 3 é utilizada para procedimentos odontológicos.

Figura 21 – Sala de cirurgia do Hospital Veterinário Vet Plus.



Fonte: A própria autora, 2022.

2.3.2. Atividades desenvolvidas

Durante o período de estágio no HVVP, que compreendeu o período entre 1 e 30 de novembro de 2022, a estagiária foi supervisionada pelo médico veterinário Fábio Magalhães. A estagiária foi recebida pelo setor administrativo e recebeu uma pasta contendo todas as informações necessárias, como vestimenta, comportamento dentro do hospital, ética entre outras informações pertinentes, inclusive com uma tabela com dados sobre caninos e felinos, como níveis normais de parâmetros de pressão, glicemia e outros, bem como o modo para realizar aferições e outros padrões operacionais. A enfermeira veterinária foi a responsável por mostrar todas as áreas do hospital e os seus modos de funcionamento, sendo a estagiária muito bem instruída no início do estágio. O horário da estagiária no hospital era das 09h00 às 18h00, com 1h de intervalo para o almoço, 8h diárias, sendo de segunda a sexta, e um dia no final de semana, sendo definido data e horário através de escala, com o plantão com duração de 5h. No HVVP foram totalizadas 160 horas. A escala também definia em que local a estagiária atuaria no dia, sendo um dia no internamento e no dia seguinte na clínica e cirurgia.

No internamento a estagiária realizava aferição de parâmetros como pressão, glicemia, frequências, temperatura, mucosas e hidratação; realizava a medicação e

alimentação dos pacientes e higiene das baias e dos pacientes. Há no hospital uma ficha que fica na baia de cada paciente com monitoração diária, sobre qual alimentação foi recebida, se essa foi espontânea, presença e tipo de urina e fezes, comportamento, limpeza de baia, troca de acesso entre outros dados pertinentes. As atividades eram divididas entre a estagiária curricular, que era a única no período, com os estagiários extracurriculares e remunerados, além das enfermeiras. A estagiária também ajudava na contenção de pacientes para realização de coletas de sangue ou acesso venoso. Também foi possível à estagiária a realização de procedimentos como passagem e lavagem de sonda nasogástrica e uretral, coletas de sangue, canulação, realização de talas e curativos, drenagem abdominal.

Nos consultórios a estagiária acompanhava as consultas, ajudando na contenção do paciente para exame físico e para procedimentos, e realizava a limpeza da mesa após o atendimento, também realizava a função de pegar medicações que se fizessem necessárias para a consulta ou preparo de vacinas para aplicação.

Nas cirurgias a estagiária acompanhava o paciente até o centro cirúrgico e depois da operação até o internamento. Durante o procedimento a estagiária pode acompanhar a atividade da anestesista, observar consultas e auxiliar em várias cirurgias, sendo permitido até a realização de algumas atividades cirúrgicas.

Nos exames de imagem a estagiária possuía a função de acompanhar o paciente e realizar a contenção durante os exames ultrassonográficos; a estagiária também pode realizar algumas radiografias ou conter o paciente para o veterinário realizar a imagem, sendo sempre realizadas paramentada com vestimentas de chumbo e protetores de tireoide. Também foi possível acompanhar diversas tomografias, tendo a função de levar o paciente, que sempre estava sedado para o procedimento com o acompanhamento de anestesista, tanto para ir para a tomografia quanto para voltar ao internamento.

A estagiária também auxiliou em vários procedimentos de emergência, os quais quando anunciados, todos os veterinários e estagiários disponíveis deveriam descer para auxiliar no que fosse preciso, a fim de estabilizar o paciente o mais rápido possível.

O período de estágio no HVVP foi de muito valor, sendo agregado à estagiária inúmeros novos conhecimentos teóricos e práticos, já que a equipe estava sempre

disposta a esclarecer dúvidas e proporcionar novas experiências, o que contribuiu muito para a formação acadêmica como veterinária.

3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

A casuística que foi acompanhada durante o período de estágio no HVSM e HVVP será demonstrada através de tabelas que englobam os atendimentos de ambos os hospitais em tabelas únicas, divididas por espécie, sexo, raça, idade e sistemas. Durante as 460 horas de estágio curricular foram acompanhados 289 pacientes nos dois hospitais, não sendo inseridos na casuística casos de retorno e acompanhamento em exames de imagem.

A Tabela 1 demonstra os atendimentos conforme espécie e sexo dos pacientes, sendo 196 (67,8%) no HVSM e 93 (32,2%) no HVVP. Foram 232 caninos atendidos (80,3%), sendo maioria em ambas as concedentes em comparação com os felinos, que totalizaram 57 atendimentos (19,7%).

Tabela 1 - Casuística por espécie e sexo dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.

Espécie	HVSM		HVVP		Total
	Fêmea	Macho	Fêmea	Macho	
Canina	86	72	51	23	232 (80,2%)
Felina	17	21	9	10	57 (19,7%)
Total	103	93	60	33	
Total de atendimentos	196 (67,8%)		93 (32,1%)		289 (100%)

Para a espécie canina, as fêmeas foram predominantes nas duas concedentes, correspondendo à 137 pacientes (59%), em comparação à 95 pacientes machos (40,9%). Com relação à espécie felina os atendimentos de machos foram mais frequentes, representando 31 animais (54,4%), e as fêmeas felinas totalizaram 26 pacientes (45,6%).

A Tabela 2 demonstra as raças de caninos atendidas durante o estágio, sendo os cachorros sem raça definida a maior casuística em ambos os hospitais com 57

pacientes atendidos no total (24,5%), seguida pela raça Yorkshire com 28 pacientes (12,0%) e Shih-tzu com 22 pacientes (9,5%).

Tabela 2 - Casuística de caninos separados por raça dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.

Raça	HVSM	HVVP	TOTAL
SRD	36	21	57 (24,5%)
Yorkshire	21	7	28 (12,0%)
Shih-tzu	12	10	22 (9,5%)
Bulldog Francês	9	6	15 (6,5%)
Spitz Alemão	10	3	13 (5,6%)
Pinscher	5	6	11 (4,7%)
Lhasa Apso	9	0	9 (3,9%)
Schnauzer	7	0	7 (3%)
Pastor Alemão	3	3	6 (2,6%)
Maltês	5	0	5 (2,2%)
Pequinês	5	0	5 (2,2%)
Beagle	2	2	4 (1,7%)
Border Collie	3	1	4 (1,7%)
Chihuahua	2	2	4 (1,7%)
Daschund	4	0	4 (1,7%)
Labrador Retriever	2	2	4 (1,7%)
Pitbull	1	3	4 (1,7%)
Chow-chow	1	2	3 (1,3%)
Golden Retriever	3	0	3 (1,3%)
Poodle	2	1	3 (1,3%)
Rottweiler	2	1	3 (1,3%)
American Bully	1	1	2 (1,3%)
Bichon Frisé	2	0	2 (0,9%)
Cocker Spaniel	2	0	2 (0,9%)
Pug	2	0	2 (0,9%)
Shar-pei	2	0	2 (0,9%)
Australian Cattle Dog	1	1	2 (0,9%)
Boston Terrier	1	0	1(0,4%)
Bulldog Inglês	0	1	1(0,4%)
Dálmata	1	0	1(0,4%)
Dog Alemão	0	1	1(0,4%)
Pastor Suiço	1	0	1(0,4%)
West Terrier	1	0	1(0,4%)
Total	158	74	232 (100%)

A Tabela 3 expressa as raças de felinos atendidas durante o estágio curricular, sendo alta prevalência dos gatos sem raça definida em ambos os hospitais, totalizando 45 animais (78,9%), seguida por gatos da raça Maine Coon com 4 animais (7%), todos atendidos no HVSM. Angorá, Ragdoll e Siamês, todos com 2 animais de cada raça representam, cada, 3,5% dos atendimentos de felinos.

Tabela 3 - Casuística de felinos separados por raça dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.

Raça	HVSM	HVVP	TOTAL
SRD	29	16	45 (78,9%)
Maine Coon	4	0	4 (7%)
Angorá	2	0	2 (3,5%)
Ragdoll	0	2	2 (3,5%)
Siamês	2	0	2 (3,5%)
Chartreux	0	1	1 (1,7%)
Persa	1	0	1 (1,7%)
Total	38	19	57 (100%)

Com relação à idade (Tabela 4), a maior prevalência foi de adultos (3 a 10 anos) tanto de caninos como felinos, totalizando 134 atendimentos (46,3%), seguida pelos jovens adultos (7 meses a 2 anos) com 19% e com pouca prevalência de filhotes (até 6 meses), sendo apenas 4,1%.

Tabela 4 - Casuística de caninos e felinos separados por faixa etária dos atendimentos acompanhados durante o estágio curricular.

Idade	HVSM		HVVP		TOTAL
	Caninos	Felinos	Caninos	Felinos	
Adulto (3 a 10 anos)	69	18	36	11	134 (46,4%)
Jovem adulto (7 meses a 2 anos)	29	5	16	5	55 (19,0%)
Idoso (11 a 14 anos)	35	4	9	3	51 (17,6%)
Geriátrico (acima de 15 anos)	22	10	5	0	37 (12,8%)
Filhote (até 6 meses)	3	1	8	0	12 (4,1%)
Total de animais	196		93		289 (100%)

A Tabela 5 demonstra os atendimentos classificados por sistema ou especialidade. Nela estão inclusos os sistemas: cardiorrespiratório, endócrino, digestório, musculoesquelético, nervoso, reprodutor, tegumentar e urinário. Além

disso também retrata doenças infecciosas e parasitárias, intoxicações e outras afecções. Quanto às especialidades contém oftalmologia e oncologia.

Tabela 5 – Casuística de afecções separadas por sistema/especialidade acompanhadas durante o estágio curricular.

Especialidade/Sistema	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Digestório	46	9	14	1	70 (21,9%)
Urinário	20	14	7	9	50 (15,6%)
Musculoesquelético	19	5	15	5	44 (13,7%)
Oncologia	21	4	3	2	30 (9,4%)
Nervoso	13	1	11	0	25 (7,8%)
Endócrino	20	3	0	0	23 (7,2%)
Tegumentar	13	0	7	0	20 (6,2%)
Cardiorrespiratório	5	2	7	0	14 (4,4%)
Outros	7	0	7	0	14 (4,4%)
Reprodutor	7	0	3	1	11 (3,4%)
Infecciosas e Parasitárias	1	0	7	0	8 (2,5%)
Oftalmologia	6	0	0	0	6 (1,9%)
Intoxicações	2	1	1	1	5 (1,6%)
Total	180	39	82	19	
Total de atendimentos	219		101		320 (100%)

De maneira geral, as afecções mais prevalentes foram as do sistema digestório, totalizando 70 atendimentos (21,9%) e do sistema urinário, com 50 atendimentos (15,6%), seguidas pelo sistema musculoesquelético com 44 atendimentos (13,7%).

Analisando os hospitais de forma individual, no HVVP as afecções mais prevalentes estão relacionadas ao sistema musculoesquelético, sendo 20 atendimentos (19,8%) dos 101 totais dessa concedente e em segundo lugar as afecções do sistema urinário com 16 pacientes (15,8%) seguidas pelo sistema gastrointestinal, com 15 atendimentos (14,8%). Já no HVSM permanecem nos dois primeiros lugares o sistema digestório (25,1%) e urinário (15,5%), mas o terceiro mais frequente foi a especialidade oncológica com 25 atendimentos (11,4%). As classificações dessa tabela terão suas afecções detalhadas nas tabelas a seguir.

A Tabela 6 demonstra as afecções digestórias acompanhadas durante o período de estágio, sendo a mais prevalente gastrite, enterite e colite com 32 atendimentos, representando 45,7% dos casos de digestório.

Tabela 6 - Casuística de afecções do sistema digestório acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Digestório	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Gastrite/enterite/colite	23	2	7	0	32 (45,7%)
Doença periodontal	6	1	1	0	8 (11,4%)
Diarreia ou êmese a esclarecer	3	1	3	0	7 (10,0%)
Ingestão de corpo estranho	3	0	1	1	5 (7,1%)
Fecaloma	1	2	0	0	3 (4,3%)
Giardíase	2	0	1	0	3 (4,3%)
Hipersensibilidade alimentar	3	0	0	0	3 (4,3%)
Colangite/Colestase	2	0	0	0	2 (2,9%)
Disbiose	2	0	0	0	2 (2,9%)
Doença inflamatória intestinal	0	2	0	0	2 (2,9%)
Pancreatite	2	0	0	0	1 (2,9%)
Peritonite	0	0	1	0	1 (1,4%)
Total	47	8	14	1	
Total de atendimentos	55		15		70 (100%)

Os animais com essa afecção apresentavam êmese e/ou diarreia, e após exames de sangue (hemograma, bioquímico), muitas vezes sem alterações, e exame ultrassonográfico o qual era possível a visualização desses órgãos inflamados no US, caracterizados por espessamento da parede gástrica, intestinal ou ambas, sem ser possível diagnosticar a causa base da inflamação digestiva. Segundo Rodrigues et al. em 2018, casos de gastroenterocolite são frequentemente vistos na medicina veterinária de pequenos animais, conforme visto no presente relatório, onde a casuística de doenças do sistema digestório foi a mais prevalente e, dentre estas, a inflamação do trato gastrointestinal teve a maior casuística. Os sinais clínicos descritos por Rodrigues são diarreia sanguinolenta ou não, vômito, dor abdominal e desidratação, sendo indicado o tratamento de suporte: hidratação, antieméticos, vitaminas e suplementos, e, corroborando com esses achados, os animais com essa afecção apresentavam os sinais clínicos descritos, e o tratamento era realizado conforme o protocolo, sendo utilizado principalmente o citrato de maropitant como antiemético, além de probióticos, Buscopan composto® (butilescopolamina associada a dipirona) para analgesia, vitaminas do complexo B, suplementos alimentares e

hidratação com ringer lactato ou solução fisiológica, sendo repostos compostos hidroeletrólíticos conforme necessidade (após realização de hemogasometria).

Entre os casos do sistema digestório, houve 5 ingestões de corpo estranho (7,1%) o que segundo Fossum (2014) citou ser comum entre caninos, devido ao comportamento alimentar muitas vezes não seletivo, ou até mesmo pela ingestão acidental de corpo estranho. Entre os casos houve um de relevância no HVSM, ocorrido com canino da raça Spitz alemão, que apresentava apatia, êmese, diarreia e inapetência. O corpo estranho foi visualizado através do ultrassom. O tratamento clínico foi citrato de maropitant, vitaminas do complexo B, analgésicos, antibióticos, anti-inflamatórios e probióticos. O tratamento cirúrgico foi realizado de duas diferentes maneiras: a primeira tentativa foi remoção através de endoscopia pela gastroenterologista do hospital, procedimento sem sucesso na retirada. Com o animal ainda anestesiado, a cirurgiã foi solicitada emergencialmente para realizar uma gastrotomia, onde foi retirado um tricobezoar. Apesar dos tratamentos e o cuidado intensivo, o animal já estava muito debilitado quando chegou ao hospital e foi piorando de forma gradativa, entrando em choque séptico, e mesmo com a antibioticoterapia, acabou vindo a óbito em menos de uma semana. Cabral (2018) publicou relatou sobre um corpo estranho ingerido de cão causar choque séptico, conforme o caso descrito nesse relatório.

As afecções do sistema urinário estão relatadas na Tabela 7, sendo a doença renal crônica a de maior prevalência, totalizando 17 caninos e 10 felinos (54,0%). O sistema urinário foi o mais acometido no que tange as doenças de felinos acompanhadas durante o estágio. A obstrução uretral está em segundo lugar na casuística, com 16,0% dos casos, ocorrendo apenas em felinos.

Tabela 7 - Casuística de afecções do sistema urinário acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Urinário	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Doença Renal Crônica	12	7	5	3	27 (54,0%)
Obstrução uretral	0	5	0	3	8 (16,0%)
Cistite	3	1	0	2	6 (12,0%)
Urolitíase	3	0	0	1	4 (8,0%)
Insuficiência renal aguda	0	0	2	0	2 (4,0%)
Displasia Renal	1	0	0	0	1 (2,0%)
Pielonefrite	0	1	0	0	1 (2,0%)
Uroperitônio	1	0	0	0	1 (2,0%)
Total	20	14	7	9	
Total de atendimentos	34		16		50 (100%)

A doença renal crônica (DRC) era classificada em estágios, com o tratamento definido dependendo o estadiamento da doença renal. A *International renal interest Society* define os estágios da DRC baseado na quantidade de creatinina e SDMA, podendo ser de I (sem azotemia; SDMA <18) e IV (azotemia severa; SDMA >38 felinos e >54 caninos) (IRIS, 2022), e conforme definido pela IRIS era realizado o diagnóstico e estadiamento nas concedentes, baseados na anamnese, exame físico e exames complementares, como a concentração sérica de creatinina e SDMA, avaliação de proteinúria e aferição de pressão arterial sistêmica, além de realização de hemograma e ultrassonografia para verificar alterações estruturais no rim.

O tratamento era realizado conforme as apresentações clínicas dos pacientes, com destaque para um felino de 15 anos do HVSM, que passou pelo procedimento de diálise peritoneal, que inclusive era comumente realizado em casos de doença renal crônica no HVSM. O felino em questão passou por procedimento cirúrgico onde passou por 3 etapas: colocação da sonda de diálise peritoneal, inserção de cateter central e sonda esofágica para alimentação. O tratamento utilizado seguiu as diretrizes da IRIS, que orienta a resolução da hipocalcemia, manutenção do fósforo abaixo de 6mg/dL, correção da acidose metabólica, tratar vômito, náusea e inapetência, fluidoterapia e alimentação via sonda esofágica.

A diálise peritoneal ocorre em um período de 24h, onde manualmente é inserido o dialisato pela sonda peritoneal e após um período esse conteúdo é drenado. Silva em 2018 cita que a hemodiálise e diálise peritoneal possuem função de substituição

renal, ou seja, realizam a função de filtração de substâncias até o rim se recuperar e poder efetuar essa função novamente, e esse processo ocorre por difusão de toxinas para o dialisato inserido no peritônio através da sonda, conforme realizado nos procedimentos do HVSM. Apesar de Rufato em 2011 considerar eficiente o protocolo terapêutico com a diálise peritoneal para doença renal crônica, o felino já possuía idade avançada e estágio IV da DRC, e apesar dos procedimentos realizados não houve progressão positiva, sendo decidido pela eutanásia do paciente.

A casuística do sistema musculoesquelético está representada na Tabela 8. As afecções mais frequentes desse sistema estão relacionadas aos traumas, sendo as fraturas as mais prevalentes (43,2%), diagnosticadas através de radiografias.

Tabela 8 - Casuística de afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Musculoesquelético	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Fratura óssea	7	4	6	2	19 (43,2%)
Laceração muscular	4	1	4	3	12 (27,3%)
Ruptura de ligamento cruzado cranial	2	0	4	0	6 (13,6%)
Dor muscular a esclarecer	4	0	1	0	5 (11,4%)
Displasia coxofemoral	1	0	0	0	1 (2,3%)
Miosite	1	0	0	0	1 (2,3%)
Total	19	5	15	5	
Total de atendimentos	24		20		44 (100%)

Dois casos de fratura em felinos e um em canino estavam relacionados à queda, outros quatro casos de fratura (2 caninos e 2 felinos) estavam relacionados à mordedura de cães. As outras 12 situações de fratura óssea foram derivadas de atropelamento. Vidane et al. em 2014 fala em estudo retrospectivo sobre a alta incidência de traumas na medicina veterinária, sendo as fraturas o principal problema ortopédico de cães e gatos, e o diagnóstico é feito através do raio-x, conforme descrito nesse relatório. Casos de laceração muscular estavam relacionados principalmente à mordedura de outros cães, mas houve casos de laceração por atropelamento e animais presos em cercas e portões. As lacerações eram tratadas clinicamente para controle da dor e inflamação, e antibioticoterapia, e realizada a sutura quando possível, ou deixada a ferida cicatrizar por segunda intenção, e feita a limpeza com soluções antissépticas e/ou soluções fisiológicas.

As afecções oncológicas tiveram grande prevalência dentro da casuística e estão demonstradas na Tabela 9. Várias afecções ficaram a esclarecer, por não terem diagnóstico histopatológico definitivo.

Tabela 9 - Casuística de afecções oncológicas acompanhadas durante o estágio curricular.

Oncologia	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Linfoma	3	3	0	1	7 (23,3%)
Mastocitoma cutâneo e subcutâneo	4	1	1	0	6 (20,0%)
Carcinoma (hepático 3; gástrico 1)	3	0	1	0	4 (13,3%)
Tumor hepático	3	0	0	1	4 (13,3%)
Hemangiossarcoma	1	0	0	0	1 (3,3%)
Lipoma cutâneo	1	0	0	0	1 (3,3%)
Plasmocitoma cutâneo	1	0	0	0	1 (3,3%)
Sertolioma	1	0	0	0	1 (3,3%)
Tumor cardíaco	1	0	0	0	1 (3,3%)
Tumor esplênico	1	0	0	0	1 (3,3%)
Tumor intestinal (íleo)	1	0	0	0	1 (3,3%)
Tumor mamário	0	0	1	0	1 (3,3%)
Tumor pancreático	1	0	0	0	1 (3,3%)
Total	21	4	3	2	
Total de atendimentos	25		5		30 (100%)

O linfoma foi o mais incidente, com 3 casos em caninos e 4 em felinos (23,3%) e os casos eram diagnosticados por meio de citologia e/ou exame histopatológico, e o tratamento realizado com quimioterápicos. O protocolo utilizado condiz com Ribeiro et al. (2015), que citaram esses os métodos de diagnóstico para linfoma, além de afirmar que o linfoma ocorre de forma sistêmica na maioria dos casos, sendo quimioterapia o tratamento mais adequado.

O mastocitoma ocorreu em 6 pacientes (20%), sendo a neoplasia mais prevalente em caninos. Houve 4 casos de tumor hepático em que não foi possível fazer biópsia, mas esses estavam relacionados a provável metástase de tumores que já haviam sido retirados cirurgicamente.

O sistema nervoso e suas afecções estão representadas na Tabela 10, sendo em sua grande maioria (36%) a ocorrência de doença do disco intervertebral (DDIV).

Tabela 10 - Casuística de afecções do sistema nervoso acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Nervoso	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Doença do Disco Intervertebral	2	0	7	0	9 (36,0%)
Trauma cranioencefálico	3	0	1	0	4 (16,0%)
Síndrome de Disfunção Cognitiva Canina	3	0	0	0	3 (12,0%)
Síncope a esclarecer	0	0	3	0	3 (12,0%)
Paralisia de membros pélvicos (a esclarecer)	2	0	0	0	2 (8,0%)
Avulsão do Plexo Braquial	1	0	0	0	1 (4,0%)
Discopatia Toracolombar	1	0	0	0	1 (4,0%)
Epilepsia	0	1	0	0	1 (4,0%)
Síndrome vestibular periférica	1	0	0	0	1 (4,0%)
Total	13	1	11	0	
Total de atendimentos	14		11		25 (100%)

A maior incidência de DDIV no HVVP provavelmente se deve ao fato de ali possuir máquina de tomografia, podendo ser possível realizar o diagnóstico dessa afecção de forma mais rápida e fácil. Os traumas cranioencefálicos tiveram a segunda maior prevalência (16,0%), sendo derivados de atropelamento e mordedura. Calixto em 2022 afirma que a DDIV é diagnosticada a partir ressonância magnética ou tomografia computadorizada, essa última conforme realizado no HVVP, em contrapartida no HVSM o diagnóstico era feito através da ressonância magnética. A terapia pode ser clínica ou cirúrgica, sendo clínica o uso de anti-inflamatórios, analgésicos e redução do movimento; e a cirúrgica tem como objetivo a descompressão medular, os casos desse relatório por vezes tiveram tratamento clínico e por vezes cirúrgico, com a hemilaminectomia, sendo realizada 1 vez no HVSM e 1 vez no HVVP durante o período de estágio. Segundo Brisson em 2010, a hemilaminectomia, pediclectomia e fenestração são técnicas cirúrgicas descritas para correção da DDIV.

Quanto às afecções endócrinas (Tabela 11), houve 20 atendimentos (87,0%) de caninos e 3 atendimentos de felinos (13,0%), todos acompanhados no HVSM. A grande incidência nessa concedente se deve a existência de endocrinologista no local e, em contrapartida, não havia essa especialidade no HVVP, que em muitos casos,

apesar de sinais clínicos característicos de doença endócrina, não tiveram a afecção diagnosticada de forma conclusiva, e eram apenas achados acidentais em consultas por outras afecções.

Tabela 11 - Casuística de afecções do sistema endócrino acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Endócrino	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Hiperadrenocorticismo	12	0	0	0	12 (52,2%)
Diabetes Mellitus	6	1	0	0	7 (30,4%)
Hipertireoidismo	0	2	0	0	2 (8,7%)
Dislipidemia de Schnauzer	1	0	0	0	1 (4,3%)
Hipotireoidismo	1	0	0	0	1 (4,3%)
Total	20	3	0	0	
Total de atendimentos	23 (100%)		0 (0,0%)		23 (100%)

A afecção mais prevalente foi o Hiperadrenocorticismo, diagnosticado em 12 caninos (52,2%). Os sinais apresentados pelos animais eram abaulamento do abdômen, afecções dermatológicas como pele fina e visualização de vasos abdominais, alopecia, pelos finos, secos e opacos, além de sinais sistêmicos como poliúria e polidipsia, polifagia e letargia, corroborando com achados clínicos citados por Santana et al. em 2017, que cita poliúria, polidipsia, polifagia, fraqueza e atrofia muscular e consequente letargia; além de problemas tegumentares como alopecia sem presença de prurido, pelagem opaca e seca e pele fina. Feldman em 2004 também afirma que é possível visualizar hiperpigmentação da pele, comedões, seborreia, sinais clínicos que eram encontrados em alguns casos da doença no HVSM.

O diagnóstico era realizado com o teste de supressão com baixa dose de dexametasona, 0,01mg/kg IV DU (SBDD), em que o paciente permanecia durante o dia internado, eram feitas coletas em 3 horários específicos (em jejum, após 4h da dexametasona e após 8 horas da dexametasona), sendo então analisada a resposta adrenohipofisária conforme o nível de cortisol. O método de diagnóstico utilizado corrobora com trabalho de Nelson e Couto em 2014, que afirmam que o diagnóstico de Hiperadrenocorticismo pode ser realizado com o SBDD, estimulação de ACTH ou

razão entre cortisol e creatinina urinária, sendo considerado o SBDD o método de escolha para diagnóstico. A dose de dexametasona utilizada no diagnóstico corrobora com trabalho de Santana et al. (2017), de 0,01 a 0,015 mg/kg.

O tratamento era feito com trilostano na dose de 6 a 10 mg/kg SID VO de uso contínuo, porém a dose dependia de cada paciente, e de exames periódicos de monitoração e quantificação do trilostano no organismo, com exceção de um caso, onde o paciente era tratado com mitotano devido à um tumor de adrenal. Segundo Nelson e Couto em 2014, a dose inicial de trilostano deve ser de 1mg/kg BID VO; em contrapartida Bretas-Viana afirma que o tratamento deve ser de 2 a 10mg/kg SID VO. O tratamento realizado colabora com o trabalho de Bretas-Viana quanto ao trilostano, porém colabora com Nelson e Couto (2014) no que tange ao tratamento com mitotano, no qual eles afirmam que o mitotano é uma escolha de tratamento efetiva quando se deseja realizar a adrenalectomia medicamentosa, conforme o caso do paciente com tumor de adrenal.

Quanto aos felinos houve dois casos de hipertireoidismo e um caso de diabetes mellitus. Os gatos com hipertireoidismo tinham 10 e 12 anos, apresentaram perda de peso com aumento do apetite, agressividade com os tutores, taquicardia, aumento da frequência de defecação e um deles apresentou alopecia por lambedura excessiva, esses achados clínicos corroboram com os achados clínicos de hipertireoidismo em felinos no trabalho de Cunha et al. em 2008 e Nelson e Couto em 2014. O diagnóstico foi realizado pelo exame de sangue e mensuração da quantidade de T4 livre, conforme cita Silveira (2013) quanto ao método de diagnóstico do hipertireoidismo. O tratamento foi feito em ambos os casos com metimazol na dose de 2,5mg/kg BID VO. O mesmo autor citou sobre os tratamentos possíveis para hipertireoidismo felino, podendo ser medicamentos antitireoideanos ou radioterapia, sendo que entre esse primeiro podem ser utilizados propiltiouracil, carbimazol e metimazol, e a autora cita que o fármaco de escolha para felinos é o metimazol, já que proporciona menos efeitos colaterais em comparação aos outros métodos de tratamento, portanto, o tratamento utilizado para os felinos com hipertireoidismo no HVSM corroborou com a bibliografia de Silveira em 2013.

Como relevante, houve um canino da raça Schnauzer, com 11 anos e 12kg, que já era tratado com trilostano na dose de 6mg/kg SID há 3 anos, possuía

dislipidemia de Schnauzer e durante consulta acompanhada pela estagiária foi também diagnosticado diabetes mellitus, investigada devido à tutora perceber um aumento no consumo de água e produção urina. A afecção foi diagnosticada por teste de glicemia simples feito no hospital (HI = acima de 320mg/dL), por exame de sangue de frutamina (450mg/dL), e depois o acompanhamento foi realizado através do *free style®*, dispositivo fixado na pele do animal com monitoração glicêmica, observando-se hiperglicemia acentuada constante. O tratamento foi realizado com a administração de 0,5UI/kg de NPH (insulina regular) via SC, tendo que se ajustar a dose em uma semana já que, devido ao Hiperadrenocorticismo e a produção endógena de glicocorticoides, o controle da glicemia estava prejudicado, sendo alterada para 1UI/kg, tendo resultado positivo no controle glicêmico e estabilização do paciente. Nelson e Couto (2010) citam que o hiperadrenocorticismo é uma das causas base da diabetes mellitus, sendo que 10% dos pacientes com HAC desenvolvem a doença, além disso os sinais clínicos de poliúria e polidipsia são acentuados quando há hiperglicemia severa, o que ocorreu o paciente em questão que estava com a glicemia extremamente elevada, além de possuir HAC que pode acarretar diabetes, como ocorreu, conforme citam Nelson e Couto.

A casuística dos atendimentos relacionados a afecções tegumentares está relacionada na Tabela 12.

Tabela 12 - Casuística de afecções do sistema tegumentar acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Tegumentar	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Otite	4	0	3	0	7 (35,0%)
Deiscência de sutura	1	0	1	0	2 (10,0%)
Dermatite atópica	2	0	0	0	2 (10,0%)
Piodermite	2	0	0	0	2 (10,0%)
Abcesso cutâneo	1	0	0	0	1 (5,0%)
Alopecia X	1	0	0	0	1 (5,0%)
Enfisema subcutâneo generalizado	0	0	1	0	1 (5,0%)
Higroma	1	0	0	0	1 (5,0%)
Inflamação glândula perianal	1	0	0	0	1 (5,0%)
Mifase	0	0	1	0	1 (5,0%)
Pitiose canina	0	0	1	0	1 (5,0%)
Total de atendimentos	13		7		20 (100%)

A otite externa foi a afecção mais prevalente, ocorridas em caninos das raças Shih-tzu (6) e bulldog (1), representando 35,0% dos atendimentos tegumentares. Esses achados de raça não conferem com dados da literatura em que Momesso em 2011 cita como mais predispostas raças como poodle, Cocker, labrador a serem acometidas por otite, mas confere com esse estudo quanto à prevalência das otites na casuística de atendimento tegumentares na clínica de pequenos animais, que nesse relatório foi de 35,0%. Em contrapartida, corrobora com Santos e Guimarães em 2020, que afirmam que Shih-tzu está em segundo lugar nas ocorrências de otite na clínica de pequenos animais, com 20% de incidência, perdendo apenas para cães SRD. *Malassezia* spp. e *Staphylococcus intermedius* foram os agentes mais encontrados nas afecções de otite externa, o que condiz com Loureiro em 2006 sobre agentes comumente encontrados na otite externa e média.

Outro caso de relevância foi um acompanhado no HVVP, no qual um canino da raça pastor alemão estava apresentando pitiose no membro torácico direito. A paciente chegou ao hospital com alterações dermatológicas importantes, durante a anamnese foi descoberto que ela costumava com muita frequência nadar em açudes. Segundo Torres et al. em 2014, a espécie mais afetada é a equina, seguida pela espécie canina, sendo que equinos apresentam principalmente a forma cutânea e caninos apresentam mais frequentemente a forma gastrointestinal, o que não ocorreu nesse caso. Foi realizado citologia onde se demonstrou infecção fúngica; e na biópsia o laudo foi de dermatite piogranulomatosa ulcerativa, com áreas de necrose e infiltração por neutrófilos e macrófagos (da mesma forma em que descreve Torres quanto aos achados histopatológicos da pitiose) com o diagnóstico sugestivo de infecção por *Pythium insidiosum* e recomendado a confirmação através de cultura. A cultura fúngica foi positiva para pitiose, sendo iniciado o tratamento com a Pythium Vac. A paciente estava recebendo a quarta dose de vacina (1 a cada 30 dias, sendo iniciado o protocolo no início de setembro), com o membro muito melhor, segundo avaliação do veterinário, e esse recomendou a aplicação de mais duas doses de vacina para finalizar o tratamento. A imunoterapia como tratamento para pitiose tem resultados de sucesso em 53% dos casos segundo Leal et al. (2001), sendo esse um dos casos de efetividade do tratamento.

O sistema cardiorrespiratório (Tabela 13) representou 4,4% de todas as afecções, sendo a mais prevalente a insuficiência cardíaca (IC) com 5 caninos acometidos em ambos os hospitais, representando 35,7%.

Tabela 13 - Casuística de afecções do sistema cardiorrespiratório acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Cardiorrespiratório	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Insuficiência cardíaca	2	0	3	0	5 (35,7%)
Colapso de traqueia	1	0	1	0	2 (14,3%)
Dispneia a esclarecer	1	1	0	0	2 (14,3%)
Secreção nasal e ocular	0	1	0	0	1 (7,1%)
Secreção nasal a esclarecer	0	0	1	0	1 (7,1%)
Cardiomiopatia dilatada	0	0	1	0	1 (7,1%)
Endocardiose	1	0	0	0	1 (7,1%)
Síndrome braquicefálica	0	0	1	0	1 (7,1%)
Total	5	2	7	0	
Total de atendimentos		7		7	14 (100%)

Os cães com insuficiência cardíaca apresentavam edema pulmonar e/ou ascite. Segundo Pereira em 2014, o principal sinal clínico da insuficiência cardíaca é o edema, sendo pulmonar quando é insuficiência cardíaca esquerda, provocando sinais respiratórios como dispneia, tosse e mucosas cianóticas, corroborando com achados clínicos de três dos pacientes com IC. Outros dois pacientes com o diagnóstico de IC apresentavam aumento abdominal, fraqueza e síncope, corroborando com achados de Camacho em 2003 sobre os sinais clínicos da IC direita.

A síndrome braquicefálica representou 7,14% dos atendimentos cardiorrespiratórios, acometendo um canino da raça bulldog francês no HVVP. Esse possuía estenose de narinas causando dificuldade respiratória, demonstrada por grande esforço na inspiração e por tremores da rima labial. Além disso possuía alongamento de palato mole, o que prejudicava ainda mais a respiração do paciente. Segundo Lameu et al. em 2020, as raças braquicefálicas são as acometidas pela síndrome, como o bulldog em questão, além de afirmar que entre os sinais clínicos da síndrome braquicefálica estão estenose de narinas, palato mole prolongado, o que promove dificuldade respiratória pela resistência do ar inspirado, compatíveis com

achados clínicos do animal citado nesse relatório. Segundo Oechtering em 2010 e Fossum em 2014, a correção cirúrgica é o método mais eficaz para corrigir problemas respiratórios decorrentes da síndrome, colaborando com o tratamento encontrado na literatura, o bulldog passou por procedimento cirúrgico, realizando a rinoplastia (ressecção parcial das narinas) e estaflectomia (remoção de um fragmento do palato mole), o que obteve retorno positivo imediato no pós-cirúrgico com relação ao padrão respiratório.

Em outras afecções (Tabela 14) estão relacionados casos diversos, sendo de maior prevalência as anemias a esclarecer (28,6%).

Tabela 14 - Casuística de outras afecções acompanhadas durante o estágio curricular.

Outros	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Anemia a esclarecer	4	0	0	0	4 (28,6%)
Reação vacinal (giárdia, leishmaniose, raiva)	1	0	2	0	3 (21,4%)
Reação alérgica	0	0	2	0	2 (14,3%)
Acidente com animal peçonhento	0	0	1	0	1 (7,1%)
Acidente com porco-espinho	0	0	1	0	1 (7,1%)
Hiperaquecimento secador pet-shop	1	0	0	0	1 (7,1%)
Pseudociese	0	0	1	0	1 (7,1%)
Trombo aorta ilíaca	1	0	0	0	1 (7,1%)
Total	7	0	7	0	
Total de atendimentos	7		7		14 (100%)

Os 4 casos de anemia eram suspeita de anemia hemolítica imunomediada (AHIM), não sendo feito o diagnóstico conclusivo, apesar de descartadas hemoparasitoses. Os caninos estavam com hematócrito entre 8 e 15%, sendo realizada transfusão sanguínea em todos. Com destaque para uma Spitz alemão, que após a transfusão entrou em hemólise, ficou extremamente ictérica, e pela situação crítica e progressiva em que se encontrava, foi realizado a eutanásia.

Com 21,4% dos casos estão as reações vacinais, sendo uma devido à vacina da giárdia, outra de leishmaniose e outra da raiva. O que teve reação vacinal contra giardíase era um canino da raça West Terrier, apresentou hipotensão, apatia, bradicardia, e foi piorando de forma progressiva mesmo com cuidados intensivos, e acabou vindo a óbito; as outras reações vacinais provocaram edema facial, vômito e

diarreia. As reações alérgicas (14,3%) estavam relacionadas a picadas de abelhas ou outros insetos.

O caso de trombo aórtico ilíaco foi diagnosticado posteriormente como secundário a hiperadrenocorticism, doença endócrina que causa alterações na coagulação, o que contribui para trombos serem formados (DE ALMEIDA, 2021). O diagnóstico do trombo foi feito através de ultrassom, e o canino da raça teckel foi tratado inicialmente através da oxigenoterapia hiperbárica, que possui indicações para tromboembolismo conforme Conselho Federal de Medicina (1995) e Levitan (2021). O diagnóstico do HAC foi feito mais tarde, através do exame de supressão com dexametasona, sendo indicado o tratamento com trilostano.

A Tabela 15 demonstra as patologias do sistema reprodutor que foram acompanhadas, sendo piometra a mais frequente (36,4%).

Tabela 15 - Casuística de afecções do sistema reprodutor acompanhadas durante o estágio curricular.

Sistema Reprodutor	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Piometra	3	0	0	1	4 (36,4%)
Pós-operatório Ovariosalpingohisterectomia	2	0	1	0	3 (27,3%)
Pós-operatório Orquiectomia	2	0	0	0	2 (18,2%)
Criptorquidismo	0	0	1	0	1 (9,1%)
Distocia	0	0	1	0	1 (9,1%)
Total	7	0	3	1	
Total de atendimentos	7		4		11 (100%)

Os casos de piometra foram solucionados com a ovariosalpingohisterectomia (OSH), fluidoterapia e estabilização das pacientes. Segundo Garcia et al. em 2012, a piometra é inflamação uterina caracterizada pelo acúmulo de secreção purulenta, pode estando frequentemente associada à bactéria *Escherichia coli* e pode causar choque séptico; tem como sinais clínicos a apatia, êmese, anorexia e secreção vaginal em alguns casos, o que condiz com os achados clínicos observados nas fêmeas do relatório acometidas por piometra. Além disso, Fossum em 2014 afirma que o melhor método terapêutico é a OSH e estabilização da paciente, conforme era realizado. Outros casos de castração ficaram na internação para cuidados do pós-operatório

devido a algum agravante do paciente e necessidade de observação dos mesmos (27,3% e 18,2% casos).

As afecções infecciosas e parasitárias estão representadas na tabela 16.

Tabela 16 - Casuística de afecções infecciosas e parasitárias acompanhadas durante o estágio curricular.

Infecciosas e Parasitárias	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Parvovirose	0	0	4	0	4 (50,0%)
Cinomose	0	0	2	0	2 (25,0%)
Hemoparasitose	1	0	0	0	1 (12,5%)
Coronavirose	0	0	1	0	1 (12,5%)
Total de atendimentos	1	0	7	0	8 (100%)

Houve 4 casos de parvovirose no HVVP, representando 50% da casuística das afecções infectocontagiosas. Entre essas, 3 cães entre 1 e 6 meses (2 pitbulls e 1 SRD) estavam com o protocolo vacinal incompleto, e um canino da raça Yorkshire tinha o protocolo completo. Os sinais clínicos apresentados eram principalmente vômito, diarreia sanguinolenta, desidratação e febre, conforme descrito por Oliveira em 2022. Apenas a Yorkshire obteve melhora e recebeu alta. Todos estavam recebendo tratamento de suporte: fluidoterapia, antibioticoterapia, anti-inflamatórios, analgésicos, vitaminas, probióticos e nutrição através de sonda nasogástrica, conforme citam Willard em 2015 e Oliveira em 2022 com relação ao tratamento da parvovirose. Os outros três animais acometidos ficaram internados por mais de uma semana recebendo tratamento, porém vieram a óbito. Segundo Willard em 2015, as raças mais acometidas pelo parvovírus são dobermann, pinscher, rottweiler, labrador, pastor alemão e pitbull, sendo essa última a mesma de 2 dos 4 pacientes acometidos no HVVP.

O caso de hemoparasitose em canino do HVSM foi diagnosticado através de hemograma, o qual obteve hematócrito de 8% e trombocitopenia, e em seguida teste rápido para erliquia e babesia, positivando para erliquiose. A paciente não fazia controle de ectoparasitas. O tratamento foi realizado com doxiciclina e transfusão sanguínea concomitante a corticoides, obtendo um bom resultado pós transfusional e melhora significativa da paciente. Além de fluidoterapia e estabilização, foi recomendado o uso contínuo de antipulgas e carrapatos. Segundo Isola et al. em

2012, a erliquiose é transmitida por vetor, o carrapato, e como a paciente em questão não tinha nenhum método de controle contra antipulgas e carrapatos, foi acometida pela bactéria, além de que os autores afirmam que a doxiciclina é o tratamento de escolha e que corticoides auxiliam na preservação plaquetária, sendo o utilizado na paciente (além da transfusão devido ao reduzido valor de HT).

Na Tabela 17 estão demonstradas as afecções oftalmológicas. A não ocorrência de casuística no HVVP também se deve ao fato de o HVSM possuir oftalmologista veterinário.

Tabela 17 - Casuística de afecções oftalmológicas acompanhadas durante o estágio curricular.

Oftalmologia	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Úlcera de córnea	2	0	0	0	2 (33,3%)
Glaucoma	1	0	0	0	1 (16,7%)
Entrópio	1	0	0	0	1 (16,7%)
Protrusão de bulbo	1	0	0	0	1 (16,7%)
Protrusão de terceira pálpebra	1	0	0	0	1 (16,7%)
Total de atendimentos	6		0		6 (100%)

A de maior ocorrência foi a úlcera de córnea com 2 casos (33,3%), seguida por glaucoma, Entrópio, protrusão de bulbo e de terceira pálpebra, com 16,7% cada, todas essas diagnosticadas em caninos. A úlcera de córnea era tratada com a administração de colírios antibióticos, como tobramicina ou ciprofloxacino, o que corrobora com Bercht em 2009 que cita que colírios antimicrobianos são indispensáveis ao tratamento de úlceras.

Houve 5 casos de intoxicações (Tabela 18), sendo todos por diferentes agentes (20,0% cada caso), com acometimento de 2 caninos e 3 felinos.

Tabela 18 - Casuística de intoxicações acompanhadas durante o estágio curricular.

Intoxicações	HVSM		HVVP		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Intoxicação por cloro	1	0	0	0	1 (20,0%)
Intoxicação por carbamato	1	0	0	0	1 (20,0%)
Intoxicação por lírio	0	0	0	1	1 (20,0%)
Intoxicação por organofosforado	0	1	0	0	1 (20,0%)
Intoxicação por ingestão de chocolate	0	0	1	0	1 (20,0%)
Total	2	1	1	1	
Total de atendimentos	3		2		5 (100%)

Nos casos de intoxicação por organofosforado e carbamato o protocolo foi de sondagem nasogástrica na sala de emergência e lavagem estomacal com carvão ativado, além de administração imediata de vitamina K. Outros procedimentos eram realizados a fim de estabilizar o paciente conforme fosse necessário.

A intoxicação por lírio ocorreu em uma felina, SRD, de 9 anos, chegou ao hospital já em estado comatoso, hipotérmica (32°C) e hipotensa (PAS 60) e apresentando convulsões. Quanto aos exames complementares, a gata apresentava creatinina em 12mg/dL (1,6 a 2,5mg/dL ref.) e ureia em 185 (<33mg/dL ref.). Em aferição de parâmetros a gata teve parada cardiorrespiratória, reanimada com massagem cardíaca, intubação com fornecimento de oxigênio e adrenalina. Depois do retorno da frequência cardíaca a felina ainda ficou em respiração artificial por duas horas, não voltando a respirar sozinha. Na quarta parada cardíaca foi por fim declarado o óbito. Stumpf et al. em 2014 relata um caso de intoxicação por lírio em felinos, que ocorre devido à planta ser nefrotóxica, causando injúria renal aguda, e os sinais neurológicos ocorrem devido à síndrome urêmica, corroborando com o caso dessa felina que obteve elevada quantidade de creatinina e ureia em exame bioquímico, demonstrando IRA e encefalopatia urêmica. Casos de intoxicação por lírio são por muitas vezes subdiagnosticados pela falta de conhecimento de tutores e até mesmo veterinários sobre o efeito do lírio em felinos (STUMPF et al., 2014), mas no caso em questão, a gata coincidentemente foi atendida pela nefrologista do hospital, que questionou a presença de lírios em casa para a tutora, essa respondendo que possuía um quarto apenas com plantação de lírios.

4 CONCLUSÃO

O estágio curricular obrigatório realizado nos Hospitais Veterinários Santa Mônica e Vet Plus foram de grande valia para a formação acadêmica da estagiária, sendo possível vivenciar rotinas práticas da medicina veterinária que não são obtidas durante o período da graduação. Realizar o estágio em dois hospitais permitiu a visualização da diferença de manejo e tratamentos dos pacientes, a frequência de casuística conforme especialistas ou equipamentos hospitalares, além de a diferença regional proporcionar visualização de diferentes afecções, agregando ainda mais na experiência do estágio curricular.

REFERÊNCIAS

- BENEDITO, G. S.; ROSSI, E. M.; CAMARGO, M. H. B. Hiperadrenocorticismo em cães - Revisão de literatura. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, v. 4, n. 1, p. 127-138, 2017.
- BERCHT, B. S. Úlcera de córnea profunda em cães. **Monografia de Graduação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS; 2009.
- BRETAS-VIANA, F. A. **Guia Terapêutico Veterinário**. 3 ed. Minas Gerais: Editora CEM. Brasil, 2007.
- BRISSON, B. A. Intervertebral disc disease in dogs. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v. 40, n. 5, p. 829-858, 2010.
- CABRAL, A. E. P., RODRIGUES, H., SILVA, M., TRAMUJAS, D., & MANRIQUE, W. Corpo estranho no sistema digestório em cão: Relato de caso. **ARS Veterinária**, v. 34, n. 4, p. 168-205, 2018.
- CALIXTO, A. R. A. S. **Doença de disco intervertebral (DDIV) em cães e suas principais técnicas cirúrgicas de descompressão**: Revisão de literatura. 2022.
- CAMACHO, A.A. Aspectos clínicos y fisiopatológicos de la ICC. In: ELERENIAN, G.C., MUCHA, C.J., CAMACHO, A.A. **Afecciones Cardiovasculares en pequeños animales**. Intermédica, Buenos Aires, 2001.
- CUNHA, M. G. M. C.; PIPPI, N.L.; GOMES, K; BECKMANN, D.V. Hipertireoidismo felino. **Ciência Rural**, v. 38, p. 1486-1494, 2008.
- DE ALMEIDA, G. B.; MIRANDA, M. S.; CARAGELASCO, D. S.; BARROS, M. A. Hipercoagulabilidade secundária ao hiperadrenocorticismo em cães: Revisão. **PUBVET**, v. 15, p. 188, 2021.

DE FARIA, P. F. Diabetes mellitus em cães. **Acta Veterinária Brasilica**, v. 1, n. 1, p. 8-22, 2007.

FELDMAN, E. C. Hiperadrenocorticismo. In: ETTINGER, S.J.; FELDMAN, E.C. Tratado de Medicina Veterinária – Doenças do cão e do gato. 5 ed., Vol 2. São Paulo: Guanabara Koogan, p. 1539-1568, 2004.

FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais**. Elsevier. Brasil, 4 ed vol 1, 2014.

GREGÓRIO, A. F. D. **Otite externa canina: estudo preliminar sobre otalgia e factores associados**. Dissertação de Mestrado. 2013.

IRIS. **Iris ckd staging guidelines**. International Renal Interest Society, 2019.

ISOLA, J. G. M. P.; CADIOLI, F. A.; NAKAGE, A. P. Eriquiose canina – Revisão de literatura. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 18, p. 1-11, 2012.

LAMEU, G. R.; SILVA, P. I. B.; MENEZES, A. D. R.; ALVES, C. C., SOARES, M. A.; BILHALVA, M. A.; COSTA, P. P. C. Síndrome braquicefálica em cães: Revisão. **Pubvet**, v. 14, p. 148, 2020.

LOUREIRO, G. J. S. **Otite externa em pequenos animais** (Monografia). Universidade Castelo Branco – Campo Grande, 2006.

MARTINS, E. A.; MOMESSO, C. S.; NARDO, C. D.; CASTRO, K. F., ATIQUÉ, T. S. C.; NETTO, H. A.; FURINI, A. A. C. Estudo clínico e microbiológico de otite externa de cães atendidos em hospital veterinário do noroeste paulista. **Acta Veterinaria Brasilica**, v. 5, n. 1, p. 61-67, 2011.

MILHOLLI, L. A.; LUTZKE, D.; KUSTER, M. C.; APTEKMANN, K. P.; TRIVILIN, L. O. Modalidades terapêuticas em oncologia de pequenos animais: aspectos gerais. **Tópicos especiais em Ciência Animal VII**, p. 218, 2018.

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Distúrbios da Glândula Adrenal. In: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 4ed. São Paulo: Elsevier, p. 812-832, 2010.

OECHTERING, G. Síndrome braquicefálica: novas informações sobre uma antiga doença congênita. **Veterinary Focus**, v. 20 n. 2, p. 10–18. 2010.

OLIVEIRA, J. P. A. **Choque séptico secundário à parvovirose canina**: relato de caso. Trabalho de Conclusão de Curso – Medicina Veterinária, UNICEPLAC, 2022.

PEREIRA, A. G. O. **Insuficiência cardíaca em cães** - Revisão de literatura. Monografia de Graduação. Universidade Federal de Campina Grande, 2014.

RAMOS, L. Teles; LEITE, A. K. R. M. Alterações clínicas e laboratoriais em um cão com anemia hemolítica imunomediada: relato de caso. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 28, p. 1-10, 2017.

RIBEIRO, R. C. S.; ALEIXO, G. A. S.; ANDRADE, L. S. S. Linfoma canino: Revisão de literatura. **Medicina Veterinária - UFRPE**, v. 9, n. 1-4, p. 10-19, 2015.

RICCO, F. G.; JUNIOR, D. S. A. Uso de óleo ozonizado em feridas: Relato de caso. **Revista Eletrônica Pubvet**, v. 16, p. 191, 2021.

RUFATO, F. H. F.; REZENDE-LAGO, N. C. M.; MARCHI, P. G. F. Insuficiência renal em cães e gatos. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 2, p. 167-173, 2011.

SANTOS, F. F.; GUIMARÃES, J. P. Estudo retrospectivo das otites em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário em Santos/Sp. **Ars Veterinaria**, v. 36, n. 3, p. 195-200, 2020.

SILVA, L. S. **Doença renal crônica em felino: relato de caso**. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRPE, Brasil. 2018.

SILVEIRA, E. **Hipertireoidismo felino**. Trabalho de Conclusão de Curso – Medicina Veterinária, UFRGS, 2013.

STUMPF, A. R. L.; GASPARI, R.; BERTOLETTI, B.; AMARAL, A. S.; KRAUSE, A. Intoxicação por lírio em um gato. **Veterinária e Zootecnia**, v. 21, n. 4, p. 527-532, 2014.

TORRES, L. M.; DANTAS, A. K. F. P.; SILVA, J. K. C., ARAÚJO, K. N.; JUNIOR, F. G.; MENDES, R. S. Pitiose cutânea canina – Relato de caso. **Ars Veterinaria**, v. 30, n. 2, p. 77-82, 2015.

VIDANE, A. S.; ELIAS, M. Z.; CARDOSO, J. M. M.; COME, J. A. S. S.; HARUN, M.; AMBRÓSIO, C. E. Incidência de fraturas em cães e gatos da cidade de Maputo (Moçambique) no período de 1998-2008. **Ciência Animal Brasileira**, v. 15, p. 490-494, 2014.

WAKI, M. F.; MARTORELLI, C. R.; MOSKO, P. E.; KOGIKA, M. M. Classificação em estágios da doença renal crônica em cães e gatos: abordagem clínica, laboratorial e terapêutica. **Ciência Rural**, v. 40, p. 2226-2234, 2010.

WILLARD, M. Canine protein losing enteropathies. **Israel Journal of Veterinary Medicine**, v. 70, n. 3, p. 17-20, 2015.